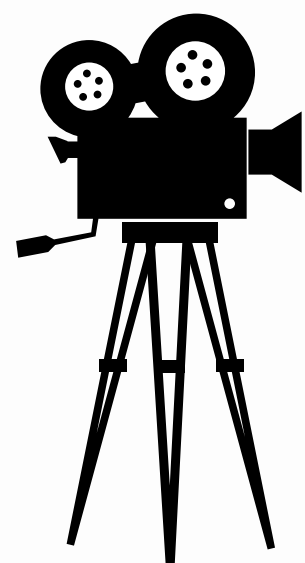


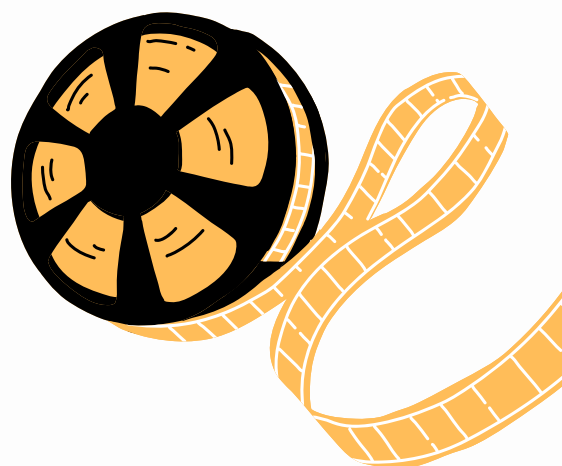
VOL
01

EM CARTAZ

O BRASIL
TAMBÉM
SABE
FAZER
CINEMA



CRÔNICAS • CURIOSIDADES •
CRÍTICAS E MUITO MAIS!



FEITO POR:

Camila Namie

Gabi Teodoro

Jean L.

Sofia Amaral

Sofia Paskakulis

Vinicius J.

Vinicius Maiores



Nossa e-zine busca exaltar o cinema nacional e demonstrar o como a arte é desvalorizada no Brasil, apesar de tão rica. O principal questionamento que tivemos e que nos trouxe a inspiração para a e-zine foi “por que o cinema brasileiro é tão desvalorizado?”.

Nós queríamos saber o motivo do brasileiro desvalorizar tanto o próprio cinema, por que não enxergamos a grandeza dessa arte em território nacional e valorizamos tanto quando é feita no exterior? Com isso em mente, decidimos desenvolver nossa e-zine voltada para esta temática, reafirmando que o Brasil também sabe fazer cinema.

Tendo esse panorama geral, pensamos em trazer para a e-zine um design que aproxima o leitor do Brasil e da arte cinematográfica, cores nacionais e elementos do cinema.



UM SUSSURRO

CONTANDO PORQUE V

É 1895 e o cinema está oficialmente surgindo. Talvez pela coincidência de um aparelho que não saiu como deveria. Talvez pela necessidade inerente do ser humano de se expressar e reproduzir sua essência através da arte. Ou talvez, apenas porque renderia algumas moedas. Fato é, haviam dois irmãos e um Cinematógrafo num café de Paris aquele ano. E eles diziam ao mundo inteiro que aquela exibição era o início de algo.

Hoje, sétima arte, mas naquele momento, o início de uma indústria que começa a se replicar tão rápido quanto as indústrias são capazes. Se passa meio ano e ele está aqui.

No Brasil, o cinema não nasce. Ele chega de viagem. Um turista vestindo seu país.

Neste ponto já estamos em julho de 1896, e acontece a primeira exibição cinematográfica em território nacional. Imagens são projetadas na sofisticada Rua do Ouvidor e a elite carioca se entretém assistindo cenas pitorescas do cotidiano Europeu.



Mas neste ponto ainda estamos em julho de 1896. Em um Brasil agrícola, recém saído da monarquia, pouco desenvolvido e atrasado.

Logo, o fato de o cinema ter chegado cedo no país, não rendeu tantos pontos de vantagem. Considerando que seus pontos já estavam no negativo.

Não demora a surgir um comércio cinematográfico em território brasileiro, e demora menos ainda para que isso chame atenção de comerciantes e empresários. Especialmente de duas figuras italianas: Os irmãos Segreto. Únicos cinegrafistas no país durante dez anos.



Gravam os primeiros filmes e inauguram o Salão de novidades. "Paris no Rio". Assim era conhecido o primeiro salão fixo e regular de cinema no Brasil.

Vários filmes passam a ser produzidos e reproduzidos em cafés e salas de exibição. É a novidade.

Apoiados num caráter mais documental, os temas desse primeiro cinema se dividiam em dois tópicos. Imagens relacionadas a figuras de poder, como políticos ou membros do exército, paradas militares, inaugurações e outros acontecimentos que consideravam importantes. E paisagens do orgulho nacional. Eram quase vídeos institucionais, fazendo propaganda do que lhes convinha. Um Brasil mais atrativo.



Vemos um aparente crescimento na área, que poderia ter sido maior se

tantos fatores significativos não estivessem impedindo. Havia um mau funcionamento de energia elétrica no país e as salas de exibição, quando existiam na cidade, eram precárias. Os filmes tinham muitos problemas técnicos e eram frequentemente comparados com o teatro, que recebia muito mais prestígio. E os temas, eram exaustivamente repetidos.

Mas chegando em 1907, tudo muda. Finalmente temos a industrialização da energia elétrica. Passa a ser um novo cenário para o cinema. Bem, para o cinema do eixo Rio-SP.

E a partir daí começam a surgir diversos gêneros: adaptações literárias, musicais, policiais, patrióticos, entre outros.



E apesar de todas as ressalvas, foi uma época boa para o cinema nacional, época de crescimento. Até a Primeira Guerra Mundial. Momento em que a Europa fica enfraquecida e o cinema Hollywoodiano começa a se expandir até ter dominado todo o mercado cinematográfico mundial.

Empresários norte-americanos criam salas de exibição no Brasil para produzir exclusivamente filmes de seu país. Surgem revistas especializadas em cinema que trazem um gigantesco Star system. E os filmes brasileiros passam a ter dificuldade de exibição. A influente revista brasileira Cinearte, está o tempo inteiro defendendo a imitação dos filmes estrangeiros. E logo, grandes donos de salas deixam de produzir e passam apenas a exhibir. Se ninguém produz, o único conteúdo disponível para reproduzir, são os estrangeiros. E isso é determinante para os anos que vêm a seguir. Em 1934 não é produzido nenhum longa no país.

RO HISTÓRICO

OCÊ NÃO GOSTA DO CINEMA NACIONAL



Logo, a ideia de imitar a fórmula dos filmes hollywoodianos, vai tomando mais espaços. E é assim que surgem a Vera Cruz, Maristela e Atlântida, que com muito investimento, tentam reproduzir o que estão vendo no cinema lá fora. Não conquista o público e a crítica chama de imitação vulgar.

E é aqui, em 1930, que as famosas chanchadas chegam em seu auge. Conhecidas por serem comédias de baixa qualidade, tem um resultado contrário das obras citadas anteriormente. Elas eram sucesso de público, mas nunca de crítica. Enquanto estavam sendo quase que responsáveis por manter o cinema brasileiro vivo, as críticas gostariam que fossem extinguidas e substituídas pelo "fino" cinema estrangeiro.

E como a arte é sempre reflexo do seu tempo, em 1960 se consolida o cinema novo. Um cinema de denúncia altamente politizado. Que também é altamente censurado com o início da ditadura. Na mesma época surge a Embrafilme, empresa brasileira de filmes, onde o governo apoia o cinema com a finalidade de usá-lo como ferramenta estatal. O cinema brasileiro da época se resume então a filmes estatais, pornochanchadas que conseguem passar pela censura e o cinema marginal, resposta as reprimendas.



Apenas em 1995 começa a se falar numa retomada, quando leis de incentivo começam a ser criadas, novas produtoras aparecem e o número de filmes produzidos lentamente começa a crescer.

E sim, é inegável a grande quantidade de filmes que foram produzidos depois. Assim como a qualidade dos mesmos. Mas quantos deles apareceram nas salas de cinema? Nas propagandas? Nas conversas casuais? No final, se tornou um grande ciclo.

O famoso e replicado "não vou assistir porque é brasileiro". A consequência aparece no fracasso de público. No fracasso de bilheteria. No fracasso de lucros para quem fez o filme. Em falta de cinema nacional. Em fracasso cultural.

A história do cinema inteira contribuiu para que as coisas se encontrassem assim atualmente. Existem hematomas, existe um pensamento engessado, existe falta de investimento governamental. Mas também existe você. E cada indivíduo pode começar por si. Não é um voto de confiança, é abrir os olhos para o fato de que sim, o Brasil também sabe fazer cinema. Só não tem espaço para mostrar isso.



PRODUTORAS

BRASILEIRAS

Aqui você irá conhecer as principais produtoras comerciais e independentes e suas atuações no mercado audiovisual brasileiro

Hoje em dia contamos com a presença de ótimas produtoras nacionais que estão crescendo cada vez mais no mundo do audiovisual, são elas:

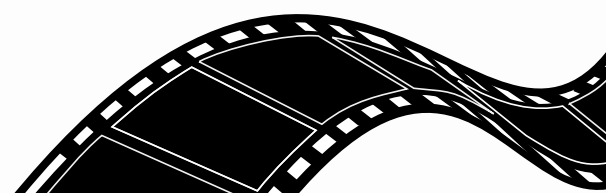
02 FILMES

A produtora 02 filmes atua de forma independente e é responsável pelo sucesso Cidade de Deus (2002) e Ensaio sobre a Cegueira (2008). Está situada no Rio de Janeiro e São Paulo.



CONSPIRAÇÃO FILMES

A Conspiração é uma produtora com grande área de atuação, não somente em cinema, mas também em publicidade, TV e criação de conteúdo. Hoje, ela tem sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.



DESCOLONIZA FILMES

Assim como seu nome, a produtora propõe descolonizar o pensamento. Fundada por Beatriz Seigner e Ibira Machado. A produtora abre espaço e privilegia produções realizadas por mulheres.

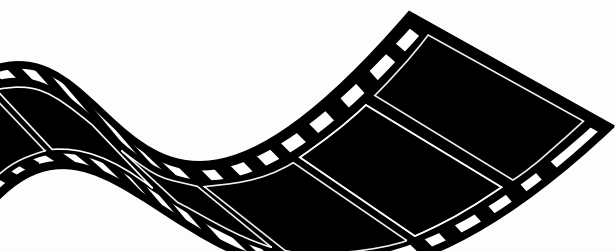


ROSZA FILMES

Produtora independente, sediada na cidade de São Félix, no recôncavo da Bahia, a empresa conta com estudantes de cinema da Universidade da Bahia. Glenda Nicácio é diretora de planejamento. As produções "Café com Canela", "Até o fim" e "A ilha" são grandes sucessos.

K2 IMAGENS

Produtora independente localizada na cidade de Ribeirão Preto. Surgiu em 1968 como Video Photo Pedro, mas em 2000 sob a direção de Ronaldo Paskakulis recebe o nome K2 Imagens. A empresa também atua em publicidades, TV e criação de conteúdo.



DUBLAGEM

OS DONOS DAS VOZES



A ORIGEM DA DUBLAGEM

Os filmes eram mudos até 1927, quando "O Cantor de Jazz" foi lançado. A partir daí o público finalmente começou a escutar os atores. Com o entusiasmo do público, surgiu um problema: Como as plateias que não falavam inglês assistiriam aos filmes?

De início, grandes estúdios como MGM e Paramount filmaram em Paris versões francesas de longas-metragens americanos. Porém, não só eram caros, mas também não atingiam o público do cinema mudo.

Nisso, a dublagem foi criada - uma técnica usada em obras audiovisuais, na qual o procedimento realizado consiste na substituição da voz original por um mesmo idioma ou em outro. A prática é muito comum como método de tradução.

CURIOSIDADES

1 - Para ser dublador você precisa ser ator;

2 - Não tem ensaio. O texto é entregue na hora em que se entra no estúdio de gravação;

3 - Toda sessão de dublagem é coordenada por um Diretor de Dublagem;

4 - Uma boa dicção e leitura são fundamentais!

5- Hoje em dia, são aproximadamente 350 pessoas que atuam em dublagem no Rio de Janeiro e São Paulo, de acordo com o dublador Hamilton Ricardo.

DUBLAGEM BRASILEIRA

No Brasil, o primeiro elenco de dublagem foi integrado por rádio atores em desenhos animados - No Rio de Janeiro, em 1938, Branca de Neve e os Sete Anões marcou o início das atividades da dublagem brasileira, seguido por outras criações do mesmo estúdio como Pinóquio, Dumbo e Bambi.

Hoje em dia, são aproximadamente 350 pessoas que atuam em dublagem no Rio de Janeiro e São Paulo, de acordo com o dublador Hamilton Ricardo. No Brasil, os dubladores não precisam de agente, mas a concorrência é bastante acentuada - é preciso se instalar no eixo Rio-São Paulo, ou cidades conurbadas, e estar próximo de onde eles terão chances de conseguir trabalho.

Os novatos acabam pegando papéis pequenos e as empresas num geral preferem pessoas com experiência, pois são profissionais que cometem menos erros, sendo o processo automaticamente mais rápido, gerando menos gasto.

Além disso, dublagem não é um serviço comum, com carga horária fixa todos os dias e por este motivo muitos acabam desistindo de seguir essa carreira. Os profissionais da área podem ser contratados por uma empresa de dublagem, mas não são todas que se utilizam este tipo de relação trabalhista.

A dublagem pode fazer toda a diferença em determinadas ocasiões, como por exemplo aos analfabetos, deficientes visuais, idosos, ou crianças em fase de alfabetização.



EDIÇÃO ESPECIAL



UMA CRÔNICA SOBRE O C

São Carlos é conhecida pela maioria de nós apenas como uma cidade universitária interiorana, com uma clara divisão entre as festas das faculdades cheias de jovens querendo aproveitar cada segundo de sua juventude e a vida monótona de idosos do interior paulista, que claramente desejam expulsar os juvenis de sua cidade. Poderia falar mais sobre a rixa entre são-carlenses conservadores e os estudantes, ou sobre o status da cidade mas não é este o meu objetivo. Meu objetivo é revelar a história cinematográfica extraordinária que São Carlos esconde, ou que pelo menos não é reconhecida, digna de representar e orgulhar o cinema nacional.

A relação da cidade com o cinema iniciou-se em 10 de outubro de 1897, quando ocorreu no já extinto Teatro São Carlos uma exibição do Cinematógrafo Lumière. Acostumem-se com o termo “extinto” já que a maioria das salas de exibição de São Carlos foram demolidas pelo “progresso”. Aliás, essa era uma característica marcante da cidade nos seus dias gloriosos da sétima arte: as salas de exibição. Por muitos anos os teatros (aqui entendam teatro como cinema) *São Carlos*, *São José* e *Colombo* foram os mais famosos, visitados por todos os tipos de são-carlenses, graças aos seus preços acessíveis. Mais tarde o *Teatro Amador*, *Cine Avenida*, *Cine Joia*, *São Bepe* e os *Studios I* e *II* entre outros conquistam seu espaço.

A questão é que, notoriamente, São Carlos contou com muitas salas de exibição durante o século XX, mas lamento informá-los que somente uma resistiu ao tempo: O Teatro São Carlos transformou-se em 1976 na atual praça Coronel Salles, conhecida como Praça dos Pombos, o Cine Avenida cedeu sua estrutura à um estacionamento do Banco Itaú em 1984, o São Bepe deixou de funcionar em 1959 por males econômicos, assim como o Cine Joia em 1983.

CINE SÃO CARLOS

CINEMA EM SÃO CARLOS



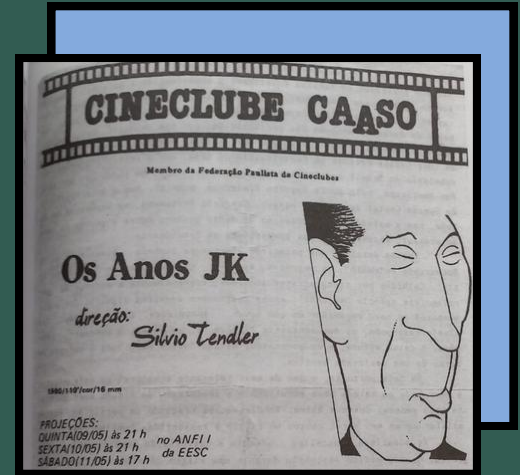
Somente o Studio I teve uma bela história de redenção e constitui o esqueleto do queridíssimo atual Cine São Carlos, inaugurado em 2008. Mas os cinemas não eram a única qualidade técnica que São Carlos guardava, a cidade também foi berço da ETP (Empresa Teatral Paulista), uma das maiores organizações cinematográficas do estado de SP.

A empresa era a responsável pela programação das exhibições na cidade e foi através dela que São Carlos tornou-se uma das primeiras cidades brasileiras a realizar uma sessão de cinema sonoro, no final de 1929 com o aparelho Vitaphone.

Tenho medo de que este texto tenha adquirido um caráter muito informacional, mas acredito que estes sejam dados que encantem os apreciadores de cinema, e de fato, são informações que revelam o *grande potencial de São Carlos e de sua cultura*. Mas deixando de lado os dados quantitativos com datas específicas, chegou a hora de falarmos sobre a relação estreita dos universitários com a arte cinematográfica, que expressava-se através do *cinclubismo*. Um dos mais importantes cineclubes foi o da *CAASO*, fundado em 1963. Alunos montavam as programações semanais e as exibiam para todos os públicos.



Mas para além disso, não há como abordar este assunto sem citar o *Professor José Sidney Leandro* (1935-1995). José Sidney foi um grande agitador cultural de São Carlos, presidindo a Comissão de Cinema do Conselho Municipal de Cultura e participando de vários programas de extensão da UFSCar. Ele manteve durante muitos anos uma preocupação acerca da proximidade dos estudantes perante o cinema, como disse em sua crônica “Splendor” publicada em 22/10/1991:




“O CINEMA PODE SER CONSIDERADO UMA FORMA DE ARTE ESPECIALMENTE FAVORÁVEL PARA APROXIMAR O NOSSO UNIVERSITÁRIO - OU OUTRA PESSOA QUALQUER - AO MESMO TEMPO DA ARTE E DE UMA PERSPECTIVA MAIS AMPLA DO MUNDO. É DIFÍCIL, SEM DÚVIDA, FALAR DE UM PAÍS SEM CONHECER SEU CINEMA”.

Todo esse incentivo do professor foi concretizado principalmente com a criação das **"Sessões Malditas"** - um ótimo nome - em agosto de 1973, marco importante da história são-carlense.

Essas sessões eram conhecidas por concentrarem jovens e universitários, exibindo filmes “polêmicos” - para a alegria do público - e marcos da história cinematográfica. Os espectadores reuniam-se às terças e quartas-feiras, alternando entre as locações da cidade e criavam memórias dos bons tempos ao acompanharem as telas. Eu particularmente acho que deve ter sido encantador viver estes momentos. Além das sessões, o Professor também foi responsável pela realização do primeiro Festival Internacional de Cinema de Curta Metragem em São Carlos, onde filmes de diversas nacionalidades foram exibidos, fornecidos pela Embrafilme.


Sidney Leandro, mais do que ninguém, se preocupou em manter uma presença constante do cinema em São Carlos e ajudou a florescer o interesse universitário pela arte cinematográfica. Concluindo, acredito que tenha ficado nítida a relação próxima entre São Carlos e o cinema, construída ao longo dos anos. Fico extremamente contente por revelar uma nova percepção desta cidade. São Carlos merece muito reconhecimento.

EU CRITICO?



O que não falta no Brasil é gente para dar pitaco. Se o nosso cinema vive um panorama de eternos recomeços, um projeto que nunca sai do papel - desde os sonhos da chanchada perfeita em *Carnaval Atlântida* (1952) até a impossibilidade concreta de se fazer cinema nesse buraco em *O Signo do Caos* (2005) - , o nosso criticismo frente às obras sempre evoluiu, desde os discursos empolados - porém sinceros - de um Muniz Vianna, até a síntese definidora de um Felipe Furtado. Não é porque nós não sabemos fazer cinema que isso impede que falemos abertamente sobre ele, afinal, faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Meu objetivo aqui é reivindicar um espaço para que a crítica de cinema brasileira seja exaltada com a precisão de uma canetada do Paulo Emílio Salles Gomes, e se possível, com uma reconstituição histórica que só aprendemos a fazer direito ao ler Maria Rita Galvão.

Para começo de conversa, é preciso relembrar dos tempos d'O Fan, e toda a cultura cinematográfica que surgia com a chegada de novos filmes europeus no país. O cinema, no início dos anos 30, começava a alcançar o estatuto de 7º arte. Isso perturbava os intelectuais do Brasil, que em pequenas soirées, a propósito de um colóquio, discutiam o que tanto existia de especial nessa arte plástica, espacial, temporal, musical e literária (nunca literal, daí a urgência de um perito do conotativo, alguém doutorado em entrever a potência metafórica de um plano de cinema, ou seja, um amargurado que se manterá sóbrio durante o escoar fantástico de imagens dentro da sessão, ou ainda, em uma única palavra, um crítico). Mal sabiam eles que, uns anos depois, essa coisa de refletir e escrever colunas e colunas sobre um determinado filme se tornaria a maior arma da cinefilia brasileira, já que a realização raramente estaria ao seu alcance.



Na realidade, a crítica de cinema no Brasil se mesclaria ao fazer cinematográfico através da Cinearte, um periódico de 1926 que reunia pioneiros importantes da direção cinematográfica, como: Adhemar Gonzaga, Pedro Lima e Mário Behring. Com páginas marcadas por opiniões divergentes e críticas rigorosas ora sobre o cinema hollywoodiano, ora sobre o cinema nacional, a Cinearte se configurou como um núcleo fervoroso do debate crítico do período. Foi a primeira vez que a crítica cinematográfica no país se ramificava, fundava correntes de pensamento e perspectivas partidárias. Maurício Caleiro assinala que, em nosso país, a crítica cinematográfica nasceu e se estruturou sob um viés elitista e conservador que por décadas, serviu de modelo dominante para os profissionais desse campo. Essa vertente, na qual se destaca nomes como Muniz Vianna e Almeida Salles, privilegiava a fórmula narrativa hollywoodiana, criticava o “estado primitivo” da produção nacional e reagia de forma negativa a qualquer tentativa de inovação que escapava do padrão importado dos Estados Unidos.

Foi só na década de 60 que autores de esquerda propuseram um revisionismo histórico do cinema brasileiro junto a realizadores independentes como Nelson Pereira dos Santos. Nomes como Paulo Emílio Salles Gomes e Alex Viany, cronistas de cinema, irromperam das trincheiras do Brasil político pré-golpe militar para redirecionar a produção cinematográfica, sendo praticamente os pais do nosso Cinema Novo, um movimento marcado por aproximar a realização de filmes à militância, ressaltando o papel social do cinema e a sua força ideológica.

A RUA é um projeto dos estudantes de Imagem e Som da UFSCar que reúne dossiês, textos com viés ensaístico e críticas sobre cinema. É uma forma de divulgação de trabalhos acadêmicos e extensão das discussões tomadas em sala de aula, junto ao corpo docente da instituição. A revista reconhece a importância do pensamento crítico na formação de profissionais do audiovisual, sobretudo por se tratar de uma carreira artística fortemente ligada a intelectualidade do profissional. O fomento da crítica brasileira com sangue novo é uma proposta eficiente, já funcionou outrora e hoje em dia não tem desapontado. Só me resta pedir, como também um universitário da federal de São Carlos: vem para a RUA!

Nos dias atuais, a crítica de cinema não é tão polarizada, mas majoritariamente de esquerda (ufa!). Com o advento da internet, surgiram resenhas e textos críticos à rodo, blogs e sites se tornam um espaço de democratização do pensamento crítico, além do autodidatismo, que nos trouxeram gênios como Luiz Carlos Oliveira Jr. e Bruno Andrade, ambos grandes intelectuais e críticos de cinema que atuam, na maior parte das vezes, através da web e na publicação de textos em revistas eletrônicas. Posso citar como referência de logradouros virtuais a Contracampo, na qual meu professor de História do Audiovisual já fez uma ponta como redator, a FOCO e a Vestido Sem Costura. E se o assunto é a democratização da crítica de cinema – isto é, o deslocamento da resenha crítica de seu contexto jornalístico para um meio mais difuso, despojado e autossuficiente como a web – não poderia deixar de apresentar para vocês a RUA – Revista Universitária do Audiovisual.

O ESPAÇO

DOS FILMES NACIONAIS

O cinema brasileiro, como explicado nos textos anteriores, não é tão valorizado quanto deveria.

MAS O QUE SIMBOLIZA ESSA DESVALORIZAÇÃO?

A desvalorização do cinema nacional representa uma estrutura antiga e vigente até hoje, em que há a preferência pelos filmes internacionais, sobretudo norte-americanos - que atualmente dominam o mercado.

Além disso, não há investimentos suficientes para a distribuição dos filmes brasileiros, o que dificulta seu reconhecimento e prestígio.

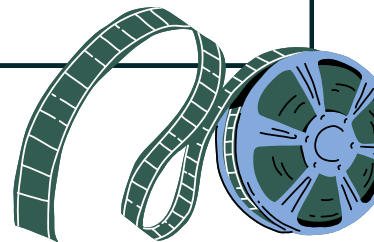
"O CINEMA NÃO TEM FRONTEIRAS NEM LIMITES. É UM FLUXO CONSTANTE DE SONHO." - ORSON WELLS

EM PRIMEIRO LUGAR

Em primeiro lugar, sabe-se que o cinema estadunidense nasce e cresce como uma indústria dominante logo no século XX, desenvolvendo técnicas e modelos adorados pelo público e pela crítica, sendo bem representativos desse formato cinematográfico.

Na contemporaneidade, estes filmes dominam as salas de cinema e as plataformas de streaming, assim como as maiores premiações.

Desde seu princípio, o cinema norte-americano recebe fortes investimentos, que permitem o desenvolvimento maior desta arte, impossibilitando que outros cinemas - como o brasileiro - possam competir com este.



FILMES NACIONAIS



A TÍTULO DE EXEMPLO, NOTA-SE OS SEGUINTE DADOS:

- em 2019, apenas 327 filmes nacionais foram exibidos
- quanto a recepção, apenas 13% do público frequentador do cinema assistiram uma produção nacional em 2019
- a bilheteria nacional representou 11,5% das vendas de ingresso no país

(dados do G1, de janeiro de 2020)

É MUITO DIFÍCIL FAZER CINEMA NO BRASIL

Em segunda análise, é perceptível que a falta de investimentos no cinema nacional compromete seu reconhecimento. Sabe-se que o cinema brasileiro é extremamente rico e premiado mundialmente, para destaques como “Cidade de Deus”, “Central do Brasil”, “Tropa de Elite”, “Que horas ela volta?”, que foram obras indicadas e premiadas no exterior.



Entretanto, apesar dessa grandiosidade, ainda é muito difícil fazer filme no Brasil, tendo em vista a escassez de recursos financeiros e investimentos que viabilizem a produção, distribuição e exibição desses filmes, além de não haver orçamento para enviar essas obras para premiações na atualidade, por conta da constante desvalorização da arte.

Para concluir



EM SUMA

É notável que a indústria cinematográfica brasileira é extremamente rica culturalmente, mas ainda muito desvalorizada, tendo em vista a falta de investimentos. Assim, os filmes nacionais são inviabilizados por esse descaso, já que sem patrocínio as obras não são produzidas, distribuídas, exibidas ou reconhecidas, perpetuando essa desvalorização.

POR CERTO

Indubitavelmente, nós da e-zine “O Brasil também sabe fazer cinema” acreditamos que a mudança começa quando a população passa a enxergar essa grandiosidade das produções nacionais e as valorizar, fazendo com que os investimentos tornem-se necessários, quebrando esse ciclo vicioso de desvalorização e descaso.



Referências

<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/sera-rodado-o-documentario-irmaos-segreto.html>

https://www.google.com/search?q=salao+de+novidades&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi4odDgl7b6AhVyrZUCHRXvB_oQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgrc=3otrQz42UKHaXM

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.jornalcruzeiro.com.br%2Fblogs%2Fagenda-metropolitana%2Fsemana-cornelio-pires-tem-filmes-e-orquestra-caipiras%2F&psig=AOvVaw3ArDyjhZK_LlcUqOUZM22C&ust=1664423558742000&source=images&cd=vfe&ved=0CAwQjRxqFwoTCJja247LtvoCFQAAAAAdAAAAABAD

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.nossacasa.com.br%2Fblog%2Fuma-breve-historia-do-cinema-brasileiro%2F&psig=AOvVaw1Nte1ksWZ_uJOWXEuwknX8&ust=1664423573095000&source=images&cd=vfe&ved=0CAwQjRxqFwoTCPixyZXLtvoCFQAAAAAdAAAAABAD

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.adorocinema.com%2Ffilmes%2Ffilme-204992%2Ffotos%2Fdetalhe%2F%3Fcmmediafile%3D20389495&psig=AOvVaw0zJuSLbfmmulhfn7JH3GeK&ust=1664423585825000&source=images&cd=vfe&ved=0CAwQjRxqFwoTCLDy05vLtvoCFQAAAAAdAAAAABAD>

<https://br.pinterest.com/pin/336644140902751233/>

<https://br.pinterest.com/pin/118501033932839719/>

<https://br.pinterest.com/pin/6966574412418722/>